

Notas

A DIÁSPORA CHINESA: PRESENTE E FUTURO EM PORTUGAL

Luís Filipe Amaral da Silva Pestana

luisfilipepestana@bnu.edu.cn

Leitor de Português no Maxdo College na Universidade Normal de Pequim (República Popular da China), tendo também desempenhado as mesmas funções na Faculdade de Línguas Ocidentais da Universidade Normal de Harbin. Mestre e Licenciado em Relações Internacionais no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa. Participou no projecto de investigação "A possível sedução Africana pelo modelo Chinês: a análise de Moçambique", Centro de Investigação do Instituto de Estudos Políticos, Universidade Católica Portuguesa

O povo chinês sempre se caracterizou por uma grande mobilidade. No século XIX muitos foram os que procuraram a sua sorte fora da China Imperial. No caso português, o processo foi mais lento dado que Portugal era, tradicionalmente, visto como um ponto de passagem para outras paragens e não um destino final. Contudo, essa tendência começou a mudar a partir dos anos 70 do século XX. Atualmente, a realidade demonstra que esta comunidade está novamente a mudar, fruto das próprias transformações do seu país. Como tal, cada vez mais estudantes e investidores detentores do Visto Gold, veem em Portugal a via para a melhorias das suas carreiras académicas e uma entrada na União Europeia.

Nota introdutória

O século XXI promete ser, pelos melhores ou piores motivos, o século da China. A sua afirmação do ponto de vista externo terá consequências profundas na forma como a ordem internacional se irá organizar nas próximas décadas. Com esta evolução, também o perfil do imigrante chinês está a mudar progressivamente à escala mundial. Citando o exemplo dos Estados Unidos, um dos primeiros registos de chineses neste país, data de 1784, aquando da chegada de um navio com marinheiros da China. A partir de 1850 em diante, muitos dos chineses que aí se fixaram foram atraídos pela "febre do ouro" na Califórnia. Até à década de 1870, uma boa parte desta comunidade serviu como mão-de-obra barata na construção de caminhos-de-ferro na costa do Pacífico (LOC, 2017). Atualmente, os chineses que vão para os Estados Unidos têm habilitações mais elevadas. Procuram prosseguir a sua carreira académica, fazer negócios ou constituir uma família fora do seu país. Em 2013, a China ultrapassou o México como o principal país de origem de imigrantes (Lee, 2015). Para muitos norte-americanos, esta e outras comunidades



asiáticas são vistas como exemplos de trabalho e dedicação a serem seguidos pelos demais. Portugal não irá fugir a esta tendência, podendo vir a receber um crescente número de imigrantes chineses nos próximos anos. Contudo, este fenómeno migratório não é de todo uniforme, tendo sofrido várias flutuações ao longo de mais de 100 anos de história. Assim, para que possamos compreender o real impacto da diáspora chinesa na sociedade portuguesa atual, é crucial saber como tudo começou e qual é a situação corrente de uma comunidade que ainda parece misteriosa ao olhar de muitos portugueses.

Os anos 70 do século XX

O exemplo dos Estados Unidos tem algumas semelhanças com aquele que hoje temos em Portugal, ainda que as circunstâncias sociais e económicas ditem a existência de algumas diferenças. Para começar, não se sabe ao certo quando terá chegado o primeiro chinês a Portugal, apesar dos registos do Arquivo do Governo Civil do Porto apresentarem a existência de uma comunidade chinesa desde a década de 1920 do séc. XX (Matias, 2010: 79). Estes indivíduos eram provenientes da província de Zhejiang¹ e especializaram-se no comércio ambulante (Mortágua, 2011: 294). Nos 50 anos seguintes pouco há a registar da comunidade chinesa em Portugal. Tal viria a mudar com o fim das colónias portuguesas em África. A descolonização de Moçambique, por exemplo, levou à saída de 26 famílias chinesas do território. Ao contrário daquilo que muitas vezes evidencia a comunidade chinesa no nosso país, estes indivíduos não tiveram quaisquer dificuldades de integração ao chegarem a Portugal. Tratavam-se de pessoas versadas na língua portuguesa com experiência profissional em diferentes sectores, sendo uma parte integral da sociedade colonial moçambicana. Contudo, a mudança de *status quo* em Moçambique conduziu à saída de alguns destes indivíduos. Como refere Matias (2010: 84 e 85), os chineses que se instalaram na costa oriental africana saíram do seu país em busca de melhores condições de vida. Já em 1960, a população chinesa ascendia a mais de 660 milhões de habitantes (National Bureau of Statistics, 2014). Com a agravante dos efeitos do Grande Salto em Frente (Dikötter, 2010: 333; Mason, 2012²) e, mais tarde, da Revolução Cultural, terem forçado muitos chineses a procurar locais que lhes garantissem a estabilidade necessária, para terem uma vida cómoda e tranquila. A independência de Moçambique, trouxe um período altamente conturbado ao novo Estado africano, que acabou por conduzir à saída das já referidas 26 famílias para Portugal. Chegados a território europeu, muitos acabaram por se integrar sem grandes dificuldades. Não nos podemos esquecer, segundo aponta Matias (2010: 88), que o facto de estes indivíduos terem à partida um grande conhecimento da nossa cultura e língua, permitiu que o seu processo de integração fosse quase perfeito.

Também Timor-Leste, outra antiga colónia portuguesa, contava com uma comunidade chinesa bastante significativa. A invasão do território por parte do governo indonésio de Suharto em 1975, ditou a fuga desta comunidade para outras paragens. Contudo, muitos dos que chegaram a Portugal usaram o nosso país como ponto de passagem para outros destinos. Estes indivíduos apresentavam, no entanto, uma trajetória migratória igual:

¹ Trata-se de uma das províncias mais prósperas da China, contando com cidades como Hangzhou ou Ningbo (Hung & Falkenheim, 1999).

² Terão morrido entre 36 a 45 milhões de pessoas (1958-1960).



saídos de Cantão, fixaram-se numa antiga colónia portuguesa para depois passarem por Portugal (Mortágua, 2011: 296).

Dos anos 80 do século XX até ao século XXI

Com o final da atribulada década de 70 em Portugal, a imigração chinesa ganhou novo fôlego a partir dos anos 80. Mais uma vez, a saída de muitos chineses do seu país deveu-se à procura de melhores condições de vida. Sendo verdade que as reformas de Deng Xiaoping no final dos anos 70, levaram a uma melhoria substancial das condições de vida na República Popular da China (RPC)³, também expuseram os cidadãos chineses a novas realidades e ambientes que jamais tinham conhecido. Em certo sentido, aqueles que saíram do seu país sentiram-se atraídos pelo desenvolvimento proporcionado pelos Estados capitalistas do mundo ocidental. A este facto junta-se a crescente circulação de informação que, pouco a pouco, permitiu a que muitas pessoas arriscassem emigrar por terem mais conhecimentos relativos à diáspora (Gaspar, 2015: 2).

A vaga de imigração chinesa que chegou a Portugal durante a década de 80 proveio, principalmente, da província de Zhejiang (cidades portuárias de Qingtian e Wenzhou) e de Fujian. Muitos destes indivíduos (na sua maioria homens) atravessaram um processo de re-imigração, ou seja, encontravam-se noutros países europeus (por exemplo, França ou Holanda) antes de chegarem a terras lusas (Mortágua, 2011: 297). Foi este grande movimento migratório que trouxe consigo um dos estereótipos mais duradouros da nossa sociedade: o chinês pequeno comerciante. Foi neste período que começaram a surgir os primeiros restaurantes e lojas chinesas, símbolos de uma comunidade intrinsecamente ligada ao comércio (Mortágua, 2011: 297). Ainda hoje temos acesso a lojas de produtos chineses em qualquer parte do nosso país. No começo, muitos destes negócios fizeram concorrência a outros, pertencentes a portugueses. A principal consequência desta situação é a criação de um dos mais duradouros estereótipos relacionados com a comunidade chinesa: as “lojas do chinês” (a par das grandes superfícies) destruíram o comércio tradicional. A esta questão junta-se também o facto de as lojas estarem isentas do pagamento de impostos nos seus primeiros cinco anos de existência (Matias, 2010: 137), uma percepção que ajuda a criar preconceitos junto da população portuguesa face à comunidade chinesa.

A construção deste tipo de preconceitos é muitas vezes uma consequência de um nível muito baixo de integração da população chinesa. Não obstante esta situação, os portugueses também têm responsabilidades na pouca aceitação destes indivíduos. Há, aliás, um grande desconhecimento e até indiferença daquilo que são os chineses. O fascínio que alguns sentem pela China deve-se à sua cultura que, aos nossos olhos, é vista como sendo exótica ou mística. Quanto à comunidade chinesa, o seu carácter fechado faz com que muito do contacto existente com os portugueses se resuma às transações comerciais associadas aos seus estabelecimentos (Matias, 2010: 156). Assim, “o aumento do número de chineses que estudam português e que atravessam meio mundo para prosseguir os seus estudos em Portugal, fará com que esta imagem se dilua progressivamente. Além disso, estes indivíduos irão contribuir grandemente para o

³ O número de pessoas abaixo do limiar da pobreza passou de 280 milhões em 1978 para 140 milhões em 2004 (Alden, 2009: p.10). Já com Xi Jinping no poder, mais de 55 milhões de pessoas foram retiradas da pobreza entre 2013 e 2016 (Xinhua, 2017).



esbater de barreiras culturais entre os dois povos, algo que trará frutos que vão para além dos aspectos meramente comerciais.”⁴

Para além disso, a comunidade chinesa tem vindo a sofrer grandes mutações ao longo das últimas décadas. No entanto, o seu aumento progressivo tem sido o seu aspeto mais marcante. Segundo as estatísticas avançadas pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), haviam mais de 22 mil chineses a residir em Portugal em 2016 (SEF, 2016: 11). Este aumento deve-se, principalmente, à busca incessante por melhores condições de vida fora do território chinês. Como tal, não se trata de um motivo novo ou inesperado, pois tem sido bastante vincado nas diferentes vagas de emigração chinesa. O exemplo dos indivíduos oriundos da província de Zhejiang que se estabeleceram no Porto e em Lisboa atesta bem este facto, uma vez que procuraram escapar às atrocidades cometidas pelo Japão em território chinês. Como vimos anteriormente, os anos 80 ficaram marcados pela chegada de chineses provenientes de Wenzhou que encontraram no comércio ambulante o seu sustento. Sendo o carácter familiar uma das características desta diáspora, rapidamente foi feita a transição para a área da restauração e da venda a retalho.

Apesar de, a tendência para o crescimento desta comunidade e de não termos em Portugal *chinatowns* como noutras partes da Europa ou nos Estados Unidos, verifica-se uma grande concentração em Lisboa, especialmente na zona do Martim Moniz (Gaspar, 2015: 4 e 5). Como tal, é possível concluir que da parte da comunidade chinesa há uma tendência clara para a manutenção de um *status quo* em que o contacto com a população portuguesa resume-se ao mínimo indispensável, provavelmente, como forma de preservar as suas tradições e costumes.

O perfil do imigrante chinês em Portugal tem vindo a mudar paulatinamente. Neste momento, os estudantes universitários e aqueles que possuem Vistos Gold estão na vanguarda desta nova vaga migratória vinda do Império do Meio. Presentemente, há um interesse cada vez maior em estudar português, fruto das relações entre a China e os países de língua oficial portuguesa. Como tal, o número de universidades que ensinam português passou de apenas 6 para 37 em menos de duas décadas. Esta tendência faz com que, dentro de pouco tempo, o número de instituições de ensino superior chinesas com cursos de português possa chegar a 50. (Gaudêncio 2017). Através de diversos acordos e protocolos, as universidades chinesas têm vindo a dar aos seus estudantes a possibilidade de estudar no estrangeiro por períodos até um ano. Para os aprendentes de português, tratam-se de oportunidades únicas para melhorar o seu nível da língua e também para conhecer uma realidade académica distinta da que têm na China. É preciso igualmente lembrar que Portugal encontra-se numa situação (até ao momento) privilegiada do ponto de vista da segurança, a que se junta o facto de ser um Estado-membro da União Europeia. O conjunto destes fatores tornam o nosso país num destino de destaque para muitos estudantes chineses que querem terminar os seus estudos no exterior (Pestana, 2017).

Em outubro de 2012, o programa de Visto Dourado entrou em vigor com a promessa de atrair mais investimento externo. No final de 2013, o primeiro ano em que o programa esteve disponível, os cidadãos chineses já tinham investido 229 milhões de euros ao abrigo deste programa (Cerqueira, 2017). Trata-se de uma forma fácil de Portugal obter investimento, principalmente no sector imobiliário. Para aqueles que entram em Portugal

⁴ Pestana (2017).



através deste programa, trata-se de uma via fácil de circular no Espaço Schengen. Até novembro de 2017, foram atribuídos 3.575 Vistos Dourados a cidadãos chineses, que atingiram o valor de cerca de 3.380 milhões de euros (Ribeiro, 2017).

Como referi:

"Estes dois grupos são o espelho de uma sociedade que tem vindo a mudar rapidamente. Não só a classe alta chinesa tem vindo a crescer, como também tem procurado investir em locais onde as condições de vida e de segurança garantem um investimento sem riscos agravados. Portugal, como já foi referido, tem todas estas características"⁵.

De especial importância (também por causa do mediatismo), o país ainda não foi alvo de nenhum atentado terrorista desde a ascensão do Estado Islâmico ao contrário de outros membros da UE (Pestana, 2017).

Conclusão

O percurso feito pela comunidade chinesa em Portugal desde o começo do século XX, tem sido marcado por constantes flutuações e períodos de pouca intensidade migratória. Quando esses movimentos ocorreram deveu-se à maior instabilidade dos locais onde os chineses residiam: a RPC, desde a sua fundação, conheceu períodos de enorme descontrolo social e político e as antigas colónias portuguesas (como Moçambique e Timor-Leste) não são exceção. Assim, a diáspora chinesa sempre se viu obrigada a deslocar-se, procurando as melhores condições de vida possíveis. Em Portugal, os chineses encontraram nos anos 70 e 80 do século XX oportunidades de comércio que os ajudaram a fixar-se. Hoje, esta comunidade encontra-se num novo processo de transformação com estudantes e investidores a encabeçarem esta nova vaga de imigração. Cabe ao Estado português criar as condições necessárias para que estes indivíduos possam ser acima de tudo uma mais-valia para o país, promovendo um processo de integração mais coeso e eficaz.

Referências bibliográficas

Alden, Chris (2009). *China in Africa*. Londres: Zed Books.

Cerqueira, Marta (2017). Vistos Gold. China lidera investimento em Portal. In Jornal i [Em linha]. 2017 [Consul. em 30 de novembro de 2017] Disponível em URL. <https://ionline.sapo.pt/564302>

Dikötter, Frank (2010). *Mao's great famine: the history of China's most devastating catastrophe, 1958-62*. Londres: Bloomsbury.

Gaspar, Sofia (2015). A comunidade chinesa em Portugal: percursos migratórios, contextos familiares e mercado de trabalho. *CIES e-Working Paper*, 201/2015. Lisboa: CIES – IUL.

⁵ Pestana (2017).



Gaudêncio, R. (2017). Em sete anos haverá 50 "universidades chinesas com português". In Público [Em linha]. 2017 [Consul. em 30 de novembro de 2017] Disponível em URL. <https://www.publico.pt/2017/07/30/sociedade/noticia/em-sete-anos-havera-50-universidades-chinesas-com-portugues-1780800>

Hung, Frederick Fu & Victor C. Falkenheim (1999). Zhejiang – Province, China. In Encyclopaedia Britannica [Em linha]. 2017 [Consul. em 30 de novembro de 2017]. Disponível em URL. <https://www.britannica.com/place/Zhejiang>

Lee, Erika (2015). Chinese immigrants now largest group of new arrivals to the U.S: Column. In USA Today [Em linha]. 2017 [Consul. em 4 de dezembro de 2017]. Disponível em URL. <https://www.usatoday.com/story/opinion/2015/07/07/chinese-immigrants-largest-column/29784905/>

Mason, Paul (2012). Yang Jisheng: The man who discovered 36 million dead. In British Broadcasting Corporation [Em linha]. 2017 [Consul. em 30 de novembro de 2017]. Disponível em URL. <http://www.bbc.co.uk/news/world-20410424>.

Matias, Ana (2010). *Imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa: interação multissecular via Macau*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.).

Mortágua, Maria João (2011). *Simbiose dos Povos: os Imigrantes Chineses no Sul da Europa na Viragem do Século XX para o Século XXI*. Doutor. Salamanca: Universidad de Salamanca, Facultad de Geografía e Historia.

National Bureau of Statistics of China (2014). Statistical Yearbook: 2014. In National Bureau of Statistics of China [Em linha]. 2017 [Consul. em 30 de Dezembro de 2017]. Disponível em URL. <http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2014/indexeh.htm>

Pestana, Luís Filipe (2017). A comunidade chinesa em Portugal. In Xinhua Português [Em linha]. 2017 [Consul. em 30 de Dezembro de 2017]. Disponível em URL. http://portuguese.xinhuanet.com/2017-11/23/c_136772729.htm

Ribeiro, Maria José (coord.) (2017). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2016*. Oeiras: SEF.

The Library of Congress (1976). Rise of Industrial America Chinese Immigration to the United States, 1851-1900. In The Library of Congress [Em linha]. 2017 [Consul. em 4 de dezembro de 2017]. Disponível em URL. <http://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/presentationsandactivities/presentations/timeline/riseind/chinimms/>

Xinhua (2017). Commentary: Eliminating poverty, the Chinese way . In Xinhua News Agency [Em linha]. 2017 [Consul. 4 de dezembro de 2017]. Disponível em URL. http://news.xinhuanet.com/english/2017-09/02/c_136577587.htm

Como citar esta Nota

Pestana, Luís Filipe Amaral da Silva (2018). "A diáspora chinesa: presente e futuro em Portugal". Notas, *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 9, N.º 1, Maio-Outubro 2018. Consultado [online] data da última consulta, DOI: <https://doi.org/10.26619/1647-7251.9.1.01>